

Entrevista com Maria Arlete Araújo

1. **A administração de uma Universidade Pública no Brasil não é uma missão das mais fáceis. A UFRN abriga, hoje, uma população de mais de 35 mil pessoas, entre alunos, professores e universitários. Por que, então, pretende ocupar o cargo de reitora?**

Acho que quem se coloca para ser candidato à reitoria não tem apenas estas preocupações que você citou: número de alunos e do próprio crescimento. Temos um projeto a ser implementado que não é voltado apenas para a UFRN, mas para a sociedade do Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, também um projeto para o País. Portanto, é uma questão bem mais abrangente do que pensar apenas no número de alunos que ela possui. E esse projeto deve ter vários eixos que se articulam e que não podem ser vistos de forma isolada. É um eixo, portanto, que também tem uma filosofia de gestão que pode ser traduzida na idéia de que é necessário radicalizar o compromisso social da universidade. Entendo que, sendo uma instituição pública, portanto mantida com recursos da sociedade, deve dar respostas efetivas aos problemas contemporâneos e ajudar a consolidar um processo de desenvolvimento da realidade do contexto onde ela se insere. Acho que esse é o ponto de partida. E quais são os eixos que articulam toda esta concepção de projeto, porque eles não são coisas isoladas. Podemos discutir este projeto em alguns pontos básicos.

Primeiro um eixo de recuperação do espaço público de debate. Acho que esse é um eixo central para que as comunidades universitárias possam ter uma visão de conjunto sobre os seus problemas, sobre os seus desafios, e isso implica não só no conhecimento das questões internas, de condições de trabalho, do próprio fato do crescimento, da infra-estrutura, mas, especialmente, dos problemas da própria sociedade, de modo que você possa fazer uma grande construção coletiva no sentido de que a comunidade possa participar ativamente da definição das políticas e possa controlá-las. Aprofundar, portanto, a democracia é uma questão fundamental para fazer uma gestão mais participativa, mais plural, mais aberta e em sintonia, também, com a necessidade da sociedade. Acho que este é um eixo fundamental.

O segundo eixo é o de valorização. Da valorização do corpo docente, do corpo técnico-administrativo, porque são as pessoas que são responsáveis pelo crescimento, pelas inúmeras atividades que ocorrem aqui na universidade. Portanto, há que se ter uma boa política de gestão de pessoas, que valorize, reconheça e que, de fato, seja capaz de identificar as competências e

exigências, para que possa apoiá-los e possa florescer de forma positiva. Acho que temos que pensar num programa de qualidade de vida, de atenção à saúde. Em um programa que, de fato, identifique e coloque na pauta as relações de trabalho e que você possa com isso identificar os pontos críticos, porque isso significa condições de trabalho; e permitir, dessa forma, uma ação concreta e efetiva da reitoria para minimizar os problemas, solucionar quando for possível solucioná-los, e colocar isso como ponto central da sua agenda de preocupações, no sentido de valorizar e reconhecer o trabalho. Acho que este é o segundo eixo.

O terceiro eixo é uma articulação com a sociedade. Acho que a Universidade precisa de fato fazer um trabalho muito mais efetivo de derrubar o que eu tenho dito, os muros que nos separam da sociedade. Fazer com que todo o estoque de conhecimento que aqui produzimos, e que não é pouco, também chegue à comunidade na forma de solução, na forma de proposição, na forma de subsídios, e que você possa articular com as empresas, com os poderes públicos, com os sindicatos e os movimentos organizados, de modo que a Universidade possa se fazer presente na vida das pessoas. Acho que a Universidade tem uma responsabilidade central de fomentar o que eu chamo de capital social, para que, tanto a comunidade quanto o cidadão possa ser o agente, e não seja apenas o autor secundário, mas seja o ator protagonista da sua própria história e que possa agir perante às suas comunidades como um ator que possui conhecimento capaz de instrumentalizar a sua ação. Acho que nesse sentido, a extensão não é, e não deve ser, uma atividade assistencialista; ela deve ser fomentada essa possibilidade de desenvolvimento. E este é um trabalho enorme que tem que se fazer, que é o da articulação da sociedade.

Outro eixo importante é o da qualidade. Qualidade do que fazemos, porque não podemos simplesmente pensar no crescimento. O crescimento é importante, porque é necessário a expansão da instituição pública, mas este deve ser de qualidade. Crescer com qualidade implica repensar os nossos projetos pedagógicos, por exemplo, da graduação, de forma a oportunizar outros momentos de atividades que não sejam limitados às salas de aulas, abrir espaço para as empresas juniores, para oportunizar experiências nas atividades extensionistas e de pesquisa aos nossos alunos. Apostar na questão da formação política, ter uma prática consistente, de revisão dos currículos em sintonia com as demandas que também são colocadas pelo mercado, evidentemente sem limitar essa formação às necessidades de mercado. Acho que temos que ser capazes, portanto, de reinventar nossos projetos para que eles dêem conta das nossas demandas que estão postas. Acho que a formação dos nossos alunos não deve ser uma formação com o olho naquilo que é estritamente profissional, mas ele tem que ser capaz de ser também um ator

político na hora que sai da Universidade. Para isso, é preciso criar, também, condições internas de participação, e eu acho que chamar os alunos para participar do processo decisório, com os canais institucionalizados, que também é uma outra vertente da questão da formação. Acho que o nosso programa de pós-graduação também merece um olhar especial. Nos temos um número de programas muito grande, mas que você precisa apostar agora firmemente na qualidade, e não se acomodar com o conceito que eles têm. Acho que 40% dos nossos programas de mestrado tem conceito 3, e mais de 70% dos doutorados tem conceito 4, e para quem não sabe, isso é nota mínima. E como tudo que é mínimo, nós devemos nos preocupar em efetivamente ser capaz de mudar a realidade desses programas. E isso implica numa estrutura de pesquisa forte, numa estrutura de cooperação, quer dizer, com outras instituições, ser capaz de formar redes, articular as novas competências dos professores que chegaram, apostar em um grande programa editorial, apoiar de forma a consolidar a atividade de pesquisa e, especialmente, de compatibilizar as exigências da graduação, quanto da pós-graduação, de modo que você possa produzir um salto de qualidade. Acho que este eixo da qualidade é muito forte.

Outro ponto fundamental é o da valorização da cultura. Acho que a Universidade não pode deixar de assumir este papel. Quer dizer, de articular e de levar para a comunidade as diversas manifestações artísticas que existem na forma da dança, do teatro, da música, da fotografia, oficinas, discussões sobre cinema, enfim, tudo aquilo que de fato forma um acervo importante no que nós chamamos de manifestações culturais e que ele pode muito bem fazer uma ponte mais direta e articulada com a sociedade de modo que a gente possa dar, também, uma contribuição importante para o sentido da identidade do Estado, do povo, o que é fundamental para qualquer nação.

Outro eixo importante é o eixo da pesquisa. Eu acho que você tem hoje um corpo docente já bastante qualificado. Quase 1.200 professores já têm doutorado e isso é uma competência que deve ser melhor aproveitada. Portanto, criar estruturas de apoio que permita essa expressão desta competência, ou articulada em termos de projeto de pesquisa ou também gerando novos programas de pós-graduação. Acho que há uma preocupação grande de apoiar os laboratórios já existentes naquilo que significa uma estrutura de apoio às reformas, aos problemas que as pessoas encontram de manutenção da estrutura instalada e que isso atrapalha. Acho que melhorar o relacionamento da Universidade com a FUNPEC no sentido de agilização. Acho que esse é outro eixo importante, que deve ser trabalhado firmemente para se apoiar este conjunto de idéias, assim como também de estimular novas parcerias, que a exemplo da PETROBRAS foram bem sucedidos do ponto de vista de equipar a Universidade com um conjunto de laboratórios.

Outro eixo é o da infra-estrutura propriamente dita e que está articulado com condições de trabalho, para permitir que a estrutura funcione melhor. Isso significa melhoria nas salas de aula, nas condições de ensino, salas equipadas corretamente para permitir o trabalho bom do professor e também com o rendimento dos alunos. A ambiência dos professores, têm vários professores que não tem sala de aula para trabalhar, laboratórios, a atualização constante dos laboratórios, e na questão de uma estrutura mais adequada para os alunos em termos de assistência. Essa é uma questão de infra-estrutura mais geral que deve perpassar todas as atividades.

E um outro eixo é a questão da inclusão. Acho que nós devemos ter políticas firmes de acesso, mas também de permanência do nosso aluno e de desempenho. E isso implica, portanto, em ser capaz de definir políticas que envolvam a questão de restaurante, moradia, da assistência psicossocial, que eu acho que é absolutamente coerente, quase inexistente em nossa Universidade, e isso precisa ser retomado. Não é possível ter 35.000 alunos sem uma Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, que é outra coisa que eu gostaria de propor.

Um eixo forte é a questão da gestão. Ser capaz de introduzir várias discussões que estão na ordem do dia mas que não são feitas, como a da própria questão da estrutura organizacional, de orçamento. Precisamos ter uma gestão ambientalmente planejada, pensar em melhorar, otimizar os nossos processos de compra, de modo que eu acho que nós temos uma agenda extensa. Um projeto extenso que envolve uma outra concepção de sociedade, e que também envolve uma concepção sobre a importância e o papel que tem uma instituição pública, especialmente em um Estado com tantas carências como o que nós temos. Portanto, não é simplesmente gerenciar 35.000 alunos, é ter um projeto de desenvolvimento da Universidade e que você trabalhe em torno do projeto para você fazer com que a Universidade não só se consolide, mas que seja também um agente importante de transformação da realidade do nosso Estado. Acho que esse é o compromisso maior.

2. **Certo professora, então a senhora já me respondeu à segunda pergunta, que questionava a acerca das ações que defende implementar caso eleita reitora da UFRN. Passo, assim, para a nossa terceira questão.**
3. **Um dos eixos de seu programa trata da articulação com a sociedade. Como pretende potencializar a inserção da UFRN na sociedade?**

Passa por algumas iniciativas. Primeiro a Universidade precisa se abrir, precisa entender que ela não está sozinha no mundo. Acho que você pode partir de

algumas idéias. Você pode, por exemplo, estimular a criação de algum conselho, que seria um conselho consultivo e não deliberativo, porque isso poderia criar problemas do ponto de vista da autonomia. Mas um conselho consultivo sim, com forças representativas da nossa sociedade que pudesse fazer um contato mais próximo com a Universidade. Acho que nós podemos articular diferentes instituições de ensino, instituições voltadas para ciência e tecnologia que temos no Estado. Acho que nós podemos fazer uma ponte mais estreita com as outras instituições. Porque nós temos de um lado, competências instaladas em termos de conhecimento e outras instituições do Rio Grande do Norte sem capilaridade, quer dizer, estão distribuídas em todo o Estado, de modo que eu acho que essa integração ela também potencializaria a nossa capacidade de enfrentar vários problemas.

Acho que nós temos uma agenda importante com o poder público, seja municipal ou estadual, e podemos dar uma grande contribuição no apoio à gestão municipal, na forma de formação de projetos, articulando todas as nossas competências. Nossos municípios são extremamente carentes, só para dar um pouco da idéia, a maior parte deles sequer consegue ser gestor do SUS pelas suas dificuldades de implementar um conjunto de políticas públicas. Acho que temos um trabalho importante a ser feito em relação aos movimentos sociais, ao desenvolvimento em relação aos sindicatos, acho que temos que ser capazes de disseminar e ter fóruns permanentes de discussão dos projetos, dos grandes problemas sociais que estamos enfrentando e aí com a participação externa, participação interna, mas de modo a colocar na agenda de discussão estes temas.

Acho que precisamos ser também capazes de disponibilizar um estoque de conhecimento que produzimos na forma de resultado. A idéia é que você se aproxime da sociedade, quer dizer, é um outro ponto que já toquei, quando nós trazemos a questão das manifestações artísticas e culturais, é outra maneira de se relacionar, e também utilizando toda a nossa estrutura de comunicação, que penso que faz um trabalho aquém do que pode fazer, que é o rádio e a televisão e o jornal. São três instrumentos fantásticos de comunicação que podem estar articulando com a comunidade, fazendo o debate com a comunidade, colocando em tema os problemas, fazendo os projetos de extensão que atendam à comunidade. Poderíamos, por exemplo, criar um programa articulado com o curso de direito e defesa da proteção do consumidor. Isso seria importante para a universidade, importante para alunos, importante para a comunidade. Acho que essa estrutura de comunicação é sub-aproveitada e nós temos como aproveitá-la em benefício dessa articulação com a sociedade. Acho que a sociedade tem que respirar UFRN, UFRN, UFRN. Isso significa dizer fazer a Universidade presente na vida da comunidade, participando de fóruns de todas

as discussões, mas também criando os fóruns, e não ficar apenas numa atitude de passividade, mas sendo pró-ativo, de buscar, de procurar.

Acho que esta articulação é necessária e eu tenho a certeza que nós só temos a ganhar. Uma outra articulação que pode ser feita também é na própria formação, nós podemos criar espaços chamados de inserção laboral, que são convites a empresários, convites a outros movimentos, para vir falar para os alunos, como é o mercado de trabalho, esta ligação é importante. Acho que precisa ter uma articulação com os nossos ex-alunos, nós não sabemos o que eles fazem, sabemos apenas que alguns são muito importantes, ou que ocupam cargos importantes no Estado. Então eu acho que as formas são muitas e que nós precisamos é ter a clareza de que a universidade não pode existir em mundos diferentes, quer dizer, existir de forma isolada e distante da sociedade.

4. Quais as ações que pretende desenvolver para transformar a produção científica da UFRN em desenvolvimento regional?

A questão não é tão simples. Porque como é que você produz o que é ciência e transforma a produção científica. Primeiro você precisa criar as condições para que ela exista, e as condições para que a produção científica ocorra depende do grupo, da competência instalada e tempo para produzir e de estrutura de divulgação. Então estamos falando em tempo do professor, quer dizer, professores que podem trabalhar em parceria e estamos falando em estrutura de divulgação, portanto estou falando em política editorial, forte e consistente, estamos falando de apoio financeiro também, inclusive porque às vezes a inserção de uma certa produção demanda que seja num contexto internacional e isso implica tradução de artigos e etc., e isso é na fase ainda do fazer. E isto tudo então nós precisamos cuidar, conhecimento. Por outro lado, esse triângulo deve gerar e, deve ser esta a nossa expectativa e desafios de um projeto de inovação tecnológica; porque a inovação ela vai se dá na medida em que as empresas apropriam o conhecimento que é produzido por nós. Então essa integração ela deve ser buscada, deve ser feita e isso significa também ter um olhar para as outras instituições; quer dizer, seja a agência de fomento, sejam outras instituições produtoras também de conhecimento, de modo que você possa fazer uma grande discussão sobre quais são os projetos importantes de desenvolvimento do Estado e como é que você pode apoiar com o conhecimento que você tem. Essa estrutura tem que ser buscada, porque se não o conhecimento ele fica dentro da universidade. E para que ele saia é preciso que tenha articulação, não só com as outras instituições que também fazem a mesma coisa, com as agências de fomento, porque são elas que apóiam, mas também com as empresas. Sempre tenho dito que a parceria, por exemplo, da Petrobrás com a UFRN não foi capaz, ainda, de gerar esse sistema de inovação,

porque toda a cadeia produtiva de petróleo e gás ela ficou de certa forma a margem desse processo. Isso não é uma coisa que aconteça do dia para noite, mas você tem que ter como projeto, como concepção que é possível acontecer e todas as experiências no mundo já revelam que isso acontece quando há esse tripé, ou seja, governo, instituições de ciência e tecnologia e empresa, porque nessa ponte vai se dá a inovação. Essa é uma forma, também, de você levar o conhecimento. Mas tem que passar por essa articulação. Sem articulação dificilmente você vai produzir o efeito multiplicador que o próprio conhecimento gera. Acho que temos feito o trabalho simples de colocar o que produzimos. Fazer fóruns, audiências para discussão, socializar as informações, e aí entra, novamente, o papel da comunicação, mas de uma outra forma. O papel da comunicação em informar que determinado segmento da sociedade, em especial o que a Universidade está produzindo. E isso entra na forma como meio de comunicação debate os temas, de forma que você possa articular, chamar mesa redonda, chamar a atenção para os temas sociais. Acho que a Universidade tem o papel de também de ser aquela Instituição que coloca determinados temas na agenda. Então digamos, só para raciocinar, prostituição infantil. É um tema que preocupa, e a Universidade pode muito bem ser capaz não só de reunir o conhecimento que ela tem, mas instigar para que este tema seja tratado na agenda pública. Porque a agenda pública é consequência da pressão dos agentes organizados e qual for o poder que a Universidade tem, ela pode estar debatendo questões importantes e necessárias para o desenvolvimento. Portanto, acho que há diferentes formas de se fazer isso. Agora, sem descuidar de que para se ter produção científica é preciso primeiro ter condições de trabalho para que a produção científica aconteça. E isso passa pelo professor, fundamentalmente, pelo tempo que ele tenha, pela disponibilidade que ele tenha, pelas condições que são criadas para ele de trabalho para que ele possa produzir a conteúdo, e produzir em sintonia com as necessidades que são colocadas. Sem cuidar de onde nasce o conhecimento, você não vai conseguir fazer outra perna.

- 5. Professora, a nossa quinta questão seria a respeito do papel que a UFRN deve exercer na sociedade. Mas a resposta à pergunta anterior já contemplou. Que mensagem, ou considerações, gostaria de fazer?**

Acho que a minha candidatura significa renovação. Renovação do pensamento, renovação da prática. Em qualquer Instituição se faz necessária a renovação, isto é importante, é salutar para sobrevivência, para oxigenar o debate e ela nasce a partir de um conjunto de professores e servidores, portanto nasce representando este desejo de renovação da nossa instituição. Acho, portanto, que este é o momento de reflexão de que é preciso um novo olhar.

A chapa formada por mim e pelo professor Manoel Lucas oferece à universidade uma grande experiência, porque já fui diretora por dois mandatos, e o professor Manoel Lucas também está no seu segundo mandato. E, tanto eu como ele, já fizemos o debate com a UFRN, porque ele já foi candidato a reitor e eu também. Portanto, reunimos uma experiência importante para oferecer à comunidade neste momento de grande crescimento da Universidade. Além de termos uma visão administrativa e gerencial das coisas, também somos dois acadêmicos. Sou professora titulada desde 2007 e o professor Manoel Lucas também acabou de ser, recentemente aprovado em concurso. De modo que nós reunimos uma experiência acadêmica e de gestão importante para consolidar a Universidade. Além de reunir estes credenciais, que penso que são importantes neste momento, estamos afinados e comprometidos a fazer uma gestão democrática, aberta, plural, participativa e em sintonia com a sociedade. Portanto, acredito que a comunidade universitária também vá querer renovar.